

Afinal quem é o poeta moçambicano?

Dom 24/3/87

O Almiro Santos é um nosso colega de profissão. Embora não trabalhe na nossa Redacção, connosco colabora em diversas ocasiões e faz inclusivamente parte de um colectivo de jovens que nos apoiam domingo após domingo. Apareceu-nos com o texto que transcrevemos em seguida e pediu-nos que o publicássemos. A primeira, mostrámo-nos reticentes em aceitar a publicação do texto, tanto mais que o debate a que faz referência «corre» (ou correu) nas páginas da «Tempo» e não nas de «Domingo». Contudo, após analisar o assunto de outro ponto de vista, concluímos que não haveria mal nenhum em publicar nas nossas páginas a opinião de um nosso colaborador. Tanto mais que, ao que

parece, fomos nós os principais «culpados» do atirar o Alexandre Azedo, outro nosso colaborador, para a rua como fazedor de poesia. Não que interesse ao «Domingo» dar a sua opinião sobre o assunto em debate. Não é isso. Só que «Domingo» não impede nenhum dos seus colaboradores de dar a sua opinião nas suas páginas, qualquer que seja o assunto. Da mesma maneira que «Domingo» continua e continuará a publicar poesia escrita por poetas e não poetas. Da mesma maneira que «Domingo» continua e continuará a tratar de igual para igual textos que nos sejam enviados pelo Alexandre Azedo, pelo Nelson Saúte ou pelo Almiro Santos. Segue-se, pois, o texto de Almiro Santos.

Não pretendo argumentar o título acima com macro-exposições quáz inuteis e desproporcionadas no momento que atravessamos.

Pelo contrário, a presente intervenção se traduz em suma e vem a propósito da poesia do Alexandre Perez Azedo ser ou não azedo, com referência à «Gazeta de Artes e Letras» da revista «Tempo».

Para conveniência de todos quantos intervêm naquele «rendez vous» deve-se (ou pode-se) concluir que no fundo o que está em causa é — quem é o poeta moçambicano?

Mas antes troquemos a «nota» em quinientas. Ou os versos em palavrões.

Para começar, nutro um grande sentimento de pena pelo Alexandre, que bem lhe conheço a modéstia. Devo confessar que as confissões atenuam as penas e tudo o mais...

É que, assim tão de repente, se tornou o Alexandre num modelo propagandístico de literalidade. Isto tudo à guiza de «VIP», como diz o Alexandre com aquela res-teia de desconso.

Imaginemos o caso noutra estratégia — «Estamos num estádio de futebol e fazemos parte de uma torcida, eu, o Alexandre e o senhor Nelson Saúte».

Devo realçar que como torcedores somos mesmo grandes entusiasmados. O futebol corre nas veias com a mesma intensidade e proporção do sangue.

De repente, em pleno desafio e quando o nosso entusiasmo está no auge, vira-se o senhor Nelson Saúte para o Alexandre, notando-lhe que ele é um péssimo jogador de futebol.

Já estão a par das reacções que se seguiram. O Alexandre reconheceu que, efectivamente era um péssimo jogador de futebol. Eu, por minha vez, prefiro pensar o contrário.

Se alguém disse que o Alexandre não é poeta, a culpa é toda desse alguém porque, em minha opinião, o Alexandre não é obrigado a ser poeta, nem mesmo a não sê-lo.

O caso se reduz em o Azedo consi-

der de poesia, sendo um inveterado adepto é torcedor desta arte, tal como eu e o senhor Nelson Saúte. Aliás quem o não é neste mundo?

Não quero de modo nenhum conceituar o fenómeno poesia na essência que mais se nos convém. Detenho a sina de que a poesia é tudo o que se traduz em harmo-nia.

Aliás, trido isto vem a propósito de a poesia do Azedo ser ou não azedo, problemática esta (na sua aceção) que encobre a outra face de um debate urgente em Moçambique «que poeta moçambicano?»

Contudo, pelo que me foi dado a ver a rectilínea questão de Shakespear «ser ou não ser» não é para aqui chamada. A voz de Nelson Saúte (e já me esquecia do «senhor») numa das suas últimas glosas infelizes, é peremptória: o Azedo não é poeta. Ponto final e basta.

Acaso será menos poeta o indivíduo que escolheu o outro lado da praça para cantar os seus salmos que entretanto são considerados plébescos em virtude de as palavras utilizadas serem de compreensão popular?

Será por acaso condenável o acto de procurar a comunicação mais possível e desse modo chegar ao coração do soldado, do operário e do Povo?

Será por acaso proibido, nesta praça, o poeta ser comunicável e entendido pelas massas? Porque, afinal, o poeta é todo ele um corpo, indivíduo e omnipresente.

Ou então todo aquele que nutre uma especial excentricidade em martirizar mentes com palavras lunáticas (nas duas aceções) tem a glória de ser chamado emeritíssimo poeta?

Já foi por demais assinalado o factor clarividência. O jogo de palavras tendentes a formar uma ideia é já de si um poema e o seu autor um poeta.

O que muitas vezes acontece é que alguns evidenciam-se e outros não. Alguns escondem as palavras nas palavras e outros não.

Em todo o caso, qualquer movi-

mento harmónico se traduz satisfatoriamente em poema.

Da gaiivota que levanta vôo às portas do inverno, presuppõe-se de imediato aos olhos de quem a vê, um poema que pode permanecer no inconsciente, no subconsciente e no consciente.

Todas estas ilações não têm de modo nenhum uma significação singularmente ortodoxa que insinue ser o mundo unicamente habitado de poetas.

Senhores! Imagino já uma aula de Matemática onde aparecesse um aluno a resolver uma equação do 3º grau, ao mesmo tempo que lhe adicionava uma pitada de poesia lírica!

Bom, convenhamos que por essa altura a ausência de guerras justifica tudo o mais de inconveniente pelo facto de o mundo pertencer aos poetas. Uma guerra de discursos e de palavras não pode fazer grande mal.

O mundo é habitado de poetas, no sentido em que cada um dos intervenientes da vida racional é um modelo de harmonização da natureza.

A seu modo, ele identifica o animado e o inanimado e esse seu sentido crítico permite-lhe fazer poesia. E, portanto, um poeta. A perpétua diferença é que uns exteriorizam-na e outros não.

O Alexandre, Perez Azedo, é afinal, um poeta.

Não me venha depois o senhor Nelson Saúte dizer que o meu critério avaliativo é demasiado utópico para determinar onde de facto habita a poesia.

Acredito sinceramente que a poesia é utopicamente autêntica e a sua grandeza é tão inatingível quanto se pode esperar de um zênite também inapalpável.

Contudo, ela é uma massa perceptível a todos, sendo a questão em causa, o grau e o nível de expulsão de cada um de nós. Ai é que reside a razão de ser poeta.

Quando Sigmund Freud afirmou que a aura humana se emana em, primeiro, satisfazer as suas conveniências, decerto que já previa a existência de críticos como o senhor Nelson Saúte.

Por esse lado não me move ne-

nhuma animosidade. Gosto imenso do senhor Nelson Saúte e imagino que deve estar a caminho da terceira idade.

Não o conheço pessoalmente, mas creio que (pelas minhas contas) a sua calva a reluzir e as maças do rosto já macilentas ornadas por antiquários óculos, fazem dele a protótipa imagem de um crítico sem sentido de crítica.

Se me enganei nas contas e ele é todo um jovem refulgente, então peço desculpa à obesa personalidade do senhor Nelson Saúte. E que a sua intervenção me induziu precisamente à primeira exposição.

Em qualquer dos casos, sei que algum dia o senhor Nelson Saúte será jornalista (foi ele quem o afirmou). Devo lembrar que uma

das regras de tão extenuante profissão é investigar.

No caso presente teria sido aconselhável ao senhor Saúte (em prol da sua saúde) apurar até que ponto o Alexandre Perez Azedo não é poeta e veicular o que quer que fosse. Ter-se-ia evitado muitas coisas, inclusive desgaste absurdo de papel, tão necessário neste tempo de restrições.

E, já agora que anda por aí, um dogma chamado PIÉ, porque não debatemos seriamente este tema, deixando na prateleira do esquecimento, as «grandezas oceánicas de digníssimos (j) literados?»

E que é mais saudável e menos azedo para todos.

Nelson, com a devida vénia.

ALMIRO SANTOS